FOLHA DE SALA

É e Não É ou a verdadeira história dos guardas que prenderam Antígona

Miguel Maia / Companhia Cepa Torta

Este texto é, e não é, para jovens.

Pode um pássaro cantar uma melodia alegre e, ao mesmo tempo, melancólica? E uma pedra, pode brilhar ao sol e continuar fria como gelo? Pode uma sala cheia de gente ser, ao mesmo tempo, silenciosa e barulhenta? E um espelho? Pode exibir o nosso reflexo e, ao mesmo tempo, deixar ver o que está por detrás? Talvez tudo isto seja confuso. Mas como temos a certeza de que uma coisa é mesmo uma coisa, para então tomarmos uma decisão? Olhamos para ela e dizemos: 'tem forma de coisa e faz barulho de coisa', e decidimos dizer a todo o mundo: 'é uma coisa!'. Mas será mesmo assim?

Vamos até uma estranha cidade onde vivem os guardas do rei Creonte. Foram eles que prenderam Antígona, aquela que decidiu desafiar a lei do rei, por achá-la injusta. Cumprir impecavelmente uma missão abre sempre o apetite, por isso querem celebrar! Mas... celebrar o quê, mesmo? Nesta cidade onde nada é o que parece, e tudo é exatamente o que aparenta ser, a música anda no ar, mas nem toda a gente ouve. E é aqui que estes guardas vão aceitar uma nova missão - depois de encontrarem uma estranha flor vão embarcar, sem ordens nem regras claras, numa estranha e atribulada viagem sem retorno - diretamente ao centro dos seus corações.

Acham confuso? Ainda bem, quer dizer que estão prontos para entrar.

O teatro faz-se com bocados de vida.

Quantas decisões tomamos por dia? Quanto tempo demoramos a decidir? De que precisamos saber quando as tomamos? Alguém nos diz como decidir? E será que na vertigem dos dias, no suceder de *reels* e *tiktoks*, com a televisão a disparar imagens e sons a uma velocidade alucinante, teremos mesmo a capacidade de dizer: deixa-me pensar? E depois? Será que poderemos ser responsabilizados pelo que decidimos, se estivemos dormentes agarrados a um ecrã? Ou então, se como perguntava a filósofa Hannah Arendt, só seguirmos ordens, ou tendências, sem pensar de forma crítica, porque a vida nos ultrapassa, poderemos aí ser considerados culpados pelos nossos atos?

Para colocar estes dilemas em palco, pegamos no mito de Antígona e viramos o olhar para aqueles que estavam à margem da história: os guardas que prenderam essa intrépida filha de Édipo, preparam-se para celebrar, após a conclusão 'sem espinhas' da missão. Mas o que estarão eles, de facto, a celebrar? E de que forma eles, como indivíduos, podem ter uma opinião que choca com aquilo que fizeram? Haverá lugar à nuance, quando se decide pelo lado de Antígona ou pelo lado de Creonte? E acima de tudo, por que haveriam eles de pensar sobre o assunto, se isso fizer com que tenham que confrontar-se com os seus próprios medos e angústias?

Inspirados pelos textos da filósofa Hannah Arendt, do filósofo Fernando Savater, e pela versão teatral de Antígona feita pelo dramaturgo francês Jean Anouilh, inventámos um novo destino para estes guardas de Creonte. Num espetáculo repleto de comicidade, mais do que as melhores respostas, procuram-se as melhores perguntas. Em palco estarão cinco intérpretes e um sistema de som - o cenário é sugerido, mais do que construído, e tudo acontece à frente dos nossos olhos. Está ali o artifício do teatro. Está ali o artifício da vida.

Miguel Maia, abril 2025

Texto e encenação Miguel Maia
Apoio à criação Lúcia Pires
Interpretação Brandão de Mello, Dai Ida, Pedro Miguel Jorge, Mariana Camacho e Rita Silvestre
Espaço cénico e Adereços Inês Achando e David Leitão
Desenho de luz Rui Seabra
Figurinos Rita Rosa
Assistência figurinos Nuno Velez
Sonoplastia e Música original Mariana Camacho
Design e fotografia Sónia Godinho
Registo vídeo James Newitt
Produção executiva Beatriz Sousa e Lara R. Santos
Comunicação Sónia Godinho
Coprodução Companhia Cepa Torta, LUCA-Teatro Luís de Camões, Ponto C - Cultura e Criatividade, Teatro das Figuras, TEMPO - Teatro Municipal de Portimão
Apoios Companhia Olga Roriz, Marvãogest

A Companhia Cepa Torta é financiada pela República Portuguesa - Cultura / Direção Geral das Artes e Câmara Municipal de Lisboa